

A CONSTITUIÇÃO DO ACERVO DA BIBLIOTECA DA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES (1834-1857)

Rosani Godoy, Wanessa da Silva e Icléia Thiesen

Este trabalho é parte dos resultados da pesquisa de dissertação de mestrado de Rosani Godoy intitulada *Processos de formação da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) - 1834 a 1857*, do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A pesquisa tem como objetivo a análise dos aspectos históricos da formação de uma coleção que guarda em si a memória institucional do ensino artístico no Brasil.

O século XIX foi um período considerado decisivo para a formação da identidade cultural do Brasil. Com a vinda do Príncipe Regente e da corte portuguesa, em 1808, diversas iniciativas foram tomadas por D. João VI, dentre elas a fundação da AIBA. A origem da sua formação assinala a vinda da Missão Artística Francesa, em 1816, liderada por Joachim Lebreton. Em 1822 a construção da Independência nacional tornou-se uma preocupação do Estado. O passado reconstruído de modo intelectual torna-se uma importante fonte de legitimação do novo regime^I. A Biblioteca da AIBA acompanharia todo esse processo de nacionalização, como uma biblioteca singular e atrelada, em todo tempo, à Academia. As bibliotecas formadas nesse século, de um modo geral, como instituições culturais, tornaram-se um dos símbolos do processo civilizatório. Como assinala Silveira:

A história das bibliotecas acaba por se converter na história daquilo que uma sociedade decide preservar e transmitir ao longo de seu “continuum” histórico. Através da estrutura de seus acervos, cada uma dessas instituições oferece ao lugar onde se insere uma espécie de espelho, que reflete os interesses e fraquezas de seus interlocutores, assim como a pluralidade identitária que conformam os estratos vitais de uma nação. As bibliotecas são espaços onde se inscrevem as angústias e as esperanças de uma época, bem como suas contradições e confusões.^{II}

A constituição do acervo da Biblioteca da AIBA ocorreu, principalmente, com a transferência de livros e estampas da Biblioteca Pública Imperial, por doações que começaram com nossos imperadores, somando-se a de professores e suas famílias, a de artistas, a de ministros de Estado, de instituições nacionais e estrangeiras e outros diferentes doadores^{III} e também por compra com verba da própria Academia. A importância total arrecadada com as matrículas dos alunos na Academia, também era empregada na compra de livros para a Biblioteca^{IV}.

A Biblioteca da AIBA, desde o início, teve um papel de destaque no planejamento da Academia, comprovado pela sua localização no projeto original do edifício. Grandjean de Montigny, o arquiteto responsável, planejou sua ocupação no andar superior, na sala central do Palácio, única parte construída no segundo andar do prédio que ainda não havia sido concluído. O prédio é inaugurado em 1826, mas só em 20 de março de 1834, a Biblioteca é aberta aos estudantes. O então diretor Henrique José da Silva em seu discurso de abertura do ano letivo tece o seguinte comentário: “Abriu-se então o portão da biblioteca e o porteiro chamando os alumnos, o director dirigio lhes a seguinte falla em nome da Congregação: Sres. Principia uma nova era para a Academia da Bellas Artes”^V. Observamos que nos primeiros anos de existência da AIBA, o diretor e o secretário eram responsáveis pela organização da Biblioteca.

Com a morte de Henrique José, Felix Emilie Taunay assume o cargo de diretor da AIBA, após eleição, em 1834. A excelente atuação de Taunay como secretário e como diretor reflete-se nas suas atividades em relação à Biblioteca. Em 1836, declara em discurso de início do ano:

“Assim se deu principio à biblioteca, a qual não só nos proporcionará facilidades de estudo e iniciar-vos há na historia das Artes, más também vos será ainda mais útil, porque hé publica; porque com o andar dos tempos tornara geraes certos conhecimentos necessários para julgar as produções dos artistas”^{VI} [...] “a bibliotheca do estabelecimento bem que nascente e mui escassa, vos oferecerá nomes capazes de atemorizar a qualquer gênio”^{VII}

O acervo da Biblioteca da AIBA não foi desenvolvido aleatoriamente. Para um satisfatório funcionamento, a Biblioteca tinha como um dos seus objetivos a eficiência quanto à seleção das obras que seriam incorporadas. Eram formadas Comissões de professores que avaliavam as obras a serem adquiridas. Os pareceres eram pautados no conteúdo, utilidade para o ensino, estado de conservação física, data de publicação e o valor solicitado pelos livreiros estabelecidos no Brasil e na Europa, e que tinham como prática enviar periodicamente à Academia catálogos contendo títulos de obras, de provável interesse da AIBA, seguidas dos seus respectivos preços. Devido à pouca verba que o governo destinava à Academia, era prática da direção da AIBA negociar o valor das obras para adquirirem as que lhes eram mais úteis por um menor valor financeiro. Observamos, assim, que os dirigentes da Academia já realizavam práticas biblioteconômicas, como a “política de seleção”.

Era necessário que os professores e alunos da Academia tivessem conhecimento do que se passava na Europa, não só em relação ao ensino de artes, mas de tudo o que acontecia no País^{VIII}, o que refletia na formação do acervo da Biblioteca mantido em constante atualização. Esse fato é comprovado quando analisamos os títulos que fazem parte do primeiro catálogo da Biblioteca, elaborado por Taunay em 1846: Elementos do Catálogo da Biblioteca demonstrando que a mesma possuía o que havia de mais moderno para ser utilizado em sala de aula, com inúmeras obras de valor, inclusive com algumas que na época já eram consideradas preciosas e muito raras na Europa, como a magnífica coleção de Piranesi (Figura 1)^{IX}. O primeiro livro registrado no catálogo é o *Le Musée Français*. Doação do Imperador D. Pedro I e que pertencia à Biblioteca de D. João VI.



Imagem 16. *Le Antichità Romane* de Giambattista Piranesi, 1835, v.8. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia de Rosani Godoy (2015).

Taunay ambicionava constituir uma Biblioteca útil e patriótica. Um grande benefício para o desenvolvimento das Artes e um instrumento para a definitiva formação da identidade do Brasil. Em Ofício de 22 de abril de 1835, Felix Emilio Taunay solicita à Biblioteca Pública da Corte o envio, pela Secretaria d’Estado dos Negócios do Império, de uma coleção completa da *Flora Fluminensis*^X, e igualmente um exemplar de quaisquer obras relativas às Belas Artes, que existam em duplicata na mesma Biblioteca^{XI}. O historiador francês Ferdinand Denis relata que *Flora Fluminensis* é a primeira obra a registrar o maior tesouro bibliográfico da Biblioteca

Pública, descrição decorrente da sua visita em 1833. Taunay justifica-se afirmando que essas obras eram de “utilidade nacional”. Atendendo à solicitação desse ofício, verificamos uma relação de obras enviadas à Academia de Belas Artes, pela *Bibliotheca Nacional e Publica*^{XII}, com um total de 16 volumes, dentre elas, onze volumes da *Flora Fluminensis* e o in-fólio *Architecture Toscane*, ou *Palais*

Maisons et autres edifices de la Toscane, mesurés et dessinés, de Grandjean de Montigny^{XIII}. Para Morales de los Rios^{XIV} essa obra dentre outras duas, Recueil des plus beaux tombeaux executés en Italie dans le XVe. et XVIIe. siècles; e Le Palais des Etats et sa nouvelle Salle à Cassel, são obras valiosas, primorosamente desenhadas, mencionando inclusive o privilégio de consultá-la na Biblioteca da ENBA: “tivemos a oportunidade, entretanto, de consultá-las na tranquila e bela sala da biblioteca do antigo edificio da Academia”.

Segundo Dias^{XV} dentre os diversos projetos de Taunay para contribuir com a construção da identidade do Brasil, estava o desejo de que o Rio de Janeiro apresentasse uma arquitetura que manifestasse informações geográficas, sociais e políticas, e isso se concretizaria fundamentalmente com a formação dos alunos na Academia, especificamente, nas aulas de arquitetura ministradas por Grandjean de Montigny. Uma vez que os alunos estivessem aptos a construir monumentos públicos na cidade do Rio de Janeiro, inexistentes à época, poderiam contribuir para a valorização da arquitetura:

Ele [Taunay] associa seu argumento fortemente social à eterna busca pelo desenvolvimento artístico da cidade do Rio de Janeiro, carente de monumentos públicos, ressaltando o seu “desejo de ver nas praças, nos passeios povoados, [...] belas e grandes e sublimes representações dos filhos bem-amados da pátria e da virtude”.^{XVI}

Destacamos também a tradução e edição de Taunay de um compêndio de vários autores intitulado Epítome de anatomia relativa as Bellas-Artes, seguido de hum compendio de physiologia das paixões, e de algumas considerações geraes sobre as proporções, com as divisões do corpo-humano^{XVII}, que foi oferecido aos alunos da AIBA. Mesmo após a Reforma Pedreira em 1855 o Epítome sobre anatomia ainda seria material didático obrigatório nas aulas, junto a outros tratados e pranchas anatômicas. O primeiro trabalho foi impresso com verbas da Academia, o segundo pelo Governo. No prefácio é esclarecido que o objetivo do folheto é “simplesmente despertar as idéas dos estudantes sobre diversos corollarios indispensaveis no exercicio das bellas artes”. O porta-voz do Governo, ministro interino do Império, Francisco Ramiro de Assis Coelho, assinala que “necessario se torna mandar gravar as [respectivas] estampas, que são indispensaveis para a sua [dos alunos] intelligencia”.

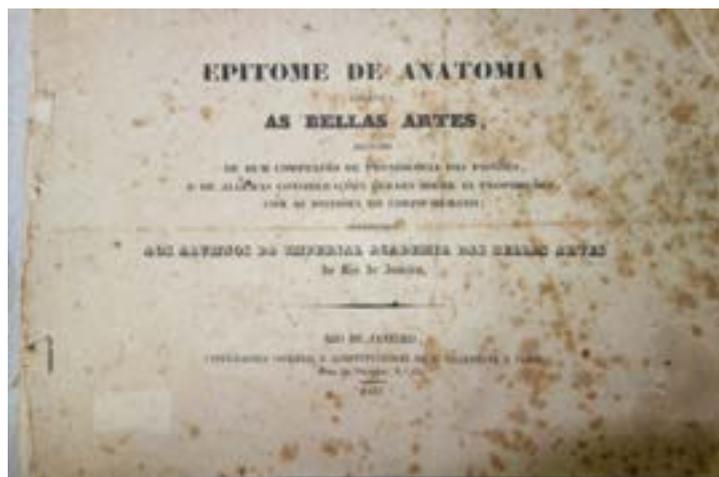


Imagem 17. Página de rosto do livro Epítome de anatomia relativa as Bellas-Artes, seguido de hum compendio de physiologia das paixões, e de algumas considerações geraes sobre as proporções, com as divisões do corpo-humano, 1837. Fonte: Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia de Rosani Godoy (2014).

De acordo com Galvão^{XVIII}, o Epítome de Anatomia não apresentava nenhuma ilustração elucidativa porque a Academia possuía as gravuras pelas quais os estudantes poderiam seguir as explicações do texto. Porém, em 1839, a Academia pede ao Governo que determine a reprodução^{XIX} das “tábuas originais para que se pudesse dar toda a extensão à utilidade do Epítome de Osteologia, enviando-o às Províncias, pois, só na Academia existiam as gravuras indispensáveis ao estudo do assunto”^{XX}. Constatamos que os livros pertencentes ao acervo são fartamente ilustrados, isto porque, segundo Marize Malta^{XXI} a Academia utilizava as imagens como um dos métodos de ensino. Lebreton, desde o início, defende a necessidade em dar

o exemplo das escolas pictóricas, sabia que precisava cercar os alunos com material que tornasse possível o trabalho, o que seria impossível sem os livros e sem as estampas incluídas no acervo^{XXII}.

A gestão de Porto-alegre, de 1854 a 1857 e a Reforma Pedreira instaurada por ele foram marcos no ensino da AIBA, com a inclusão de novas cadeiras. Essa medida influenciou, inclusive, nas avaliações do diretor e professores para a aquisição de novas obras que passariam a fazer parte da Biblioteca, que também contribuiu para que prosseguisse sendo adornada e vista como um local para exposição de obras que conservassem a memória do ensino acadêmico na AIBA.

Quando analisamos as ações de Taunay e Manuel de Araujo Porto-alegre, no período em que estiveram à frente da direção da AIBA, notamos que a preocupação de ambos era formar uma coleção útil à Biblioteca. “Afinal uma coleção só se justifica pelo uso que se fará dela”^{XXIII}. Desse modo a Biblioteca prossegue exercendo papel fundamental para o apoio ao ensino. Concluímos que, desde os primórdios da criação da Academia, a Biblioteca já era considerada um lugar estratégico em sua rotina. A importância dos diretores citados acima se destaca em todo o processo de formação da Biblioteca, sendo os responsáveis pela composição do acervo-base. A excelente formação dos dirigentes da Biblioteca da Academia foi, sem dúvida um fator que contribuiu para o sucesso na composição do acervo. Assim, nortearam os futuros dirigentes da AIBA a darem continuidade aos serviços de seleção e aquisição.

Rosani Godoy - Mestranda da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO - Mestrado Profissional em Biblioteconomia - Linha de Pesquisa Biblioteconomia, Cultura e Sociedade. Bibliotecária Responsável pela Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ- EBAOR;

Wanessa da Silva - Pós graduada da Universidade Cândido Mendes em Editoração - Bibliotecária da Biblioteca de Obras Raras da EBA /UFRJ- EBAOR;

Icléia Thiesen - Professora Titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Doutora em Ciência da Informação.

Notas finais

- I. PEREIRA, Sonia Gomes. Revisão historiográfica da arte brasileira do século XIX. Revista ieb, São Paulo, n. 54, p. 87-106, set.-mar. 2012. Disponível em: <www.revistas.usp.br/rieb/article/download/49114/53192>. Acesso em 4 fev. 2015.
- II. SILVEIRA, F. Biblioteca, memória e identidade social. Perspectivas em Ciência da Informação, Minas Gerais, v.15, n.3, p. 67-86, set./dez. 2010.
- III. LUZ, Angela Ancora. A Escola de Belas Artes – uma história da arte. Arquivos da Escola de Belas Artes. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 1999. p.71-91.
- IV. MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. O Ensino Artístico: subsídios para a sua história. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.
- V. RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ata 6150, 1831-1841. Assunto: Reformas dos Estatutos da Academia e ofícios das reuniões de congregação. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaoVI&pasta=Avulsos&pesq=>>>. Acesso em: 7 fev. 2013.
- VI. Ibidem.
- VII. MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. O Ensino Artístico: subsídios para a sua história. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.
- VIII. RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ofício 4382, 8 de maio 1877. Assunto: Notícias da Europa. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaoVI&pasta=Avulsos&pesq=>>>. Acesso em: 2 fev. 2015.
- IX. NOTÍCIA do Palácio da Academia Imperial das Bellas Artes do Rio de Janeiro, e da exposição de 1859. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial, 1859.
- X. Com a divisão do acervo da Biblioteca com o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), em 1937, esses volumes passaram a fazer parte do acervo deste.
- XI. RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ofício 4418, 28 de abril de 1835. Assunto: Relação de obras. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaoVI&pasta=Avulsos&pesq=>>>. Acesso em: 5 out. 2013.
- XII. R.UniversidadeFederaldoRiodeJaneiro.Ofício4418,28deabrilde1835.Assunto:Relaçãodeobras.Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaoVI&pasta=Avulsos&pesq=>>>. Acesso em: <

em: 5 out. 2013.

XIII. Grandjean publicou este livro antes de vir ao Brasil, com a colaboração de Augusto Famin (1776-1850), distinto arquiteto que recebeu o grande prêmio de Roma em 1801 e era conservador do palácio de Rombouillet, Paris, França.

XIV. MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. O Ensino Artístico: subsídios para a sua história. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

XV. DIAS, Elaine. Paisagem e academia: Felix Émile Taunay e o Brasil (1824-1851). Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

XVI. *Ibidem*. p. 23.

XVII. ALFREDO, Fátima, CERQUEIRA, Dalila, FROÉS, Maria. O corpo humano entre a arte e a ciência. In.: Congresso Scientiarum Historia, 6, 2013, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2013. p. 241-251.

XVIII. GALVÃO, Alfredo (org.). Felix Emilio Taunay e a Academia das Belas-Artes. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n. 16, p. 141-142, 1968.

XIX. De acordo com o Relatório dos Ministros 1839, p. 17, a despesa calculada era de 400\$000 réis para a impressão de seis pranchas.

XX. BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. Relatório anual, 1839. Assunto: Relatórios. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 25 jan.2015.

XXI. MALTA, M. Aprender a ver: modelos para o decorativo nas Obras Raras do Museu D. João VI. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 31, 2011, Campinas. Anais... Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

XXII. PEREIRA, Sonia Gomes. Sonia Gomes Pereira: depoimento [nov. 2014]. Entrevistador: Rosani Godoy. Rio de Janeiro, 2014. Entrevista concedida à pesquisa de dissertação.

XXIII. AZEVEDO, Fabiano Cataldo. Contributo para o perfil do público leitor do Real Gabinete Português de Leitura (1837-1847). Ci. Inf., Brasília, v. 37, n. 2, p. 20-31, maio/ago. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v37n2/a02v37n2.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2014.